

APRESENTAÇÃO – Dossiê temático 2

Danillo da Conceição Pereira Silva¹
Leilane Ramos da Silva²

Diversidade talvez seja a palavra que melhor defina o campo de estudos da Pragmática Linguística. Diversidade de marcos teóricos, opções metodológicas, ênfases temáticas, ou ainda diversidade de posições acerca de sua natureza enquanto campo de estudo específico, perspectiva epistemológica ou nível de análise linguística. Certamente, boa parte dessa multifacetada natureza advém justamente da complexidade do elemento que lhe garante relativa unidade: seu interesse em focalizar o modo como a linguagem em uso, ou seja, quando empregada por usuários concretos, situados contextualmente nas diversas práticas sociais, produz significados para além das estruturas linguísticas.

Como fruto da compreensão progressiva dessa premissa no interior do campo, é cada vez mais notória, nas diferentes correntes da Pragmática praticada no Brasil e em outras abordagens que compartilham de suas perspectivas, a preocupação em desenvolver pesquisas que ampliem a compreensão acerca das relações estabelecidas entre linguagem e sociedade. Disso decorrem a revisões de posições epistemológicas e a consideração crescente de elementos tradicionalmente desprivilegiados em suas teorizações e análises, a exemplo de aspectos de ordem política, cultural e ideológica, o que torna o fazer pesquisa nessa seara uma atividade cada vez mais interdisciplinar.

Em um mundo marcado pela desigualdade e pelo acirramento de conflitos sociais, especialmente em regiões cujas condições políticas põem em xeque instituições e valores democráticos, são parte da vida cotidiana eventos discursivo-interacionais, sejam eles face a face ou mediados pelas possibilidades digitais de interconexão em rede, nos quais cenas de violência

¹ Doutorando em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL); egresso do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins/UFS). E-mail: danillosh@gmail.com.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); professora do Departamento de Letras (DLEV) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Sergipe (UFS); vice-líder do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins/UFS). E-mail: leilane3108@gmail.com.



e subalternização da vida de grupos minoritários se desenrolam; e em contrapartida, são também bastante presentes mobilizações de resistência ante esse cenário, advindas do posicionamento de diferentes sujeitos em práticas linguísticas voltadas à afirmação de Direitos Humanos.

Assim, intolerância religiosa, trabalho escravo contemporâneo, xenofobia, discursos de ódio baseados em raça, classe, gênero, sexualidade, dentre outros marcadores sociais da diferença, são alguns dos tópicos que permeiam, e/ou põem em disputa, um número considerável de interações linguísticas cotidianas. Desse modo, considerando, por um lado, os desenvolvimentos teórico-metodológicos no campo dos estudos pragmáticos e suas contribuições para diferentes ramos dos estudos da linguagem e, por outro, a crescente precarização das condições sociais de grupos historicamente subalternizados no Brasil, a *Interdisciplinar: Revista de Língua e Literatura* acolhe, em seu volume 31, dossiê temático 2: *Pragmáticas da vida social: perspectivas em linguagem e sociedade*, faz jus à vocação deste periódico em congregar e divulgar trabalhos de cariz interdisciplinar que problematizem aspectos relevantes da vida e da cultura em língua portuguesa.

Partindo de uma proposta de diálogo entre a abordagem sociocognitiva da análise crítica do discurso, os estudos sobre a microsociologia das interações de Goffman e as proposições de Brown e Levinson no que concerne às normas de polidez, Micheline Mattedi Tomazi, em *(Des)construção da face da mulher nos títulos de notícias sobre feminicídio*, destaca o modo como as notícias, especialmente a partir de seus títulos, projetam a imagem dos atores sociais envolvidos em casos de feminicídio, no caso, mulheres/vítimas e homens/feminicidas. A autora sugere, a partir o percurso de análise proposto, o papel das notícias jornalísticas na produção de modelos mentais estereotipados e preconceituosos sobre a mulher vítima de feminicídio.

Ainda apontando para problemáticas ligadas às questões de gênero, mas adicionando às discussões aspectos raciais e de classe social, Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira, seguindo a tradição sarleana dos estudos dos atos de fala, propõe uma leitura pragmática da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, escritora que se coloca sensível a ouvir a voz da mulher negra, pobre e de periferia. Em *Por trás da narração dos fatos, o silenciamento da mulher negra em Carolina de Jesus: o ato de fala de um*



coletivo emudecido, a autora argumenta que, muito além de uma fala pessoal, as feridas históricas expostas por Carolina representam todo um coletivo que está na base da pirâmide social brasileira.

No artigo *Discourse and african diaspora: hair and identity among students from UNILAB-Brasil*, ainda com foco em temáticas raciais, Cassandra da Silva Muniz e Ana Lúcia Silva Souza partem da premissa austiniana de que a linguagem é uma forma de ação social e, assim, analisam interações interculturais entre estudantes universitários brasileiros e de diferentes países africanos, num grupo da rede social *Facebook*, acerca do uso do cabelo em seu estado natural e as relações disso com questões de identidade, africanidade e diáspora do povo negro. Desde uma visada crítica, transgressiva e indisciplinar da Linguística Aplicada, as autoras concluem que a política de identificação produzida pelas estudantes, mulheres negras e africanas, mediante o reconhecimento do lugar do corpo nas práticas de linguagem e de produção do conhecimento, permitiu que esses estudantes tivessem uma visão mais complexa da realidade racial no Brasil.

Colocando em perspectiva a imbricação inescapável entre discurso e modos de representação de sujeitos sociais, a partir da postura ética e epistemológica própria da Análise Crítica do Discurso, Iran Ferreira de Melo, em *Breves análises do discurso sobre LGBT na imprensa*, traz à tona o modo pessoas homossexuais, bissexuais, transgêneras, travestis, transexuais e intersexuais (LGBT) são representadas na *Folha de São Paulo*, jornal impresso de maior circulação no Brasil. Ao cabo do trabalho de mapeamento e interpretação dos dados gerados, ficam salientes as dinâmicas de invisibilização operadas por grupos midiáticos hegemônicos sobre a *Parada do Orgulho LGBT de São Paulo* e, conseqüentemente, sobre os indivíduos historicamente subalternizados no Brasil.

Intentando produzir inteligibilidade sobre formas de resistência da juventude urbana da periferia da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, frente à violência, *Claudiana Nogueira Alencar*, em um trabalho que integra diferentes perspectivas filosóficas, culturais e antropológicas sobre sociabilidades e linguagens, investiga as cartografias das práticas políticas realizadas no Projeto Viva Palavra, partindo da Pragmática Cultural como pesquisa participante. No artigo *“Tudo aqui é poesia”: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana*, a pesquisadora aponta como diferentes modos



de organização juvenil de periferia agregam sentidos de afeto às formas construídas que se articulam para criar localidades/translocalidades urbanas.

Considerando atividades linguísticas em espaços públicos virtuais de interação como lugar privilegiado para a compreensão do funcionamento de uma metapragmática da vida cotidiana e das constantes disputas entre sujeitos por modos específicos de interpretação sobre ações praticadas na linguagem, *Joana Plaza Pinto* recorre à discussão de questões fulcrais da Pragmática, a exemplo daquelas em torno do “contexto”, com vistas a evidenciar o papel preponderante da metalinguagem no funcionamento da linguagem como ação social. No seu artigo, *É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online*, mediante a análise de uma prática heterogênea e corrente em embates discursivos nas redes sociais, nominalizada como “mimimi”, a autora destaca como a articulação entre metapragmáticas explícitas, função metapragmática e enquadre pode ser potente para uma ruptura com o representacionalismo e para o desmonte de ações que, partindo desses mesmos elementos, intentem deslegitimar discursos emancipatórios.

Ao final deste dossiê, guiados/as pelo objetivo de ilustrar algumas perspectivas emergentes para a pesquisa no campo dos estudos pragmáticos, *Danillo da Conceição Pereira Silva*, *Vivian Araújo Fontes* e *Leilane Ramos da Silva*, no artigo intitulado *Caminhos da pesquisa em pragmática: polidez, violência e gênero*, apresentam e discutem duas pesquisas desenvolvidas por eles/as em decorrência dos trabalhos da linha “Pragmática e Minorias Sociais” do Grupo de Estudos da Linguagem, Interação e Sociedade da Universidade Federal de Sergipe (Gelins/UFS).

Desse modo, revisitando debates em torno das noções de face, polidez, atos de fala e violência linguística, a par da análise de práticas de linguagem no ciberespaço que disputam os sentidos sobre um caso midiático de assédio sexual e sobre a violência transfóbica na linguagem, o autor e as autoras acreditam ser o diálogo crítico com a tradição teórico-metodológica da área; a abertura ao diálogo transdisciplinar e à incorporação de visões críticas de sociedade; a atenção às interações digitalmente mediadas preponderantes na modernidade recente; e a renovação do sentido ontológico, ético e político das escolhas epistemológicas alguns dos caminhos possíveis para uma Pragmática que faça sentido hoje.



Por fim, acreditamos que o material reunido neste dossiê oferece uma visão ampla e consistente de diferentes posições teóricas, objetos de pesquisa e sensibilidades analíticas desde uma perspectiva pragmática da linguagem e da vida social por ela (re)elaborada. Por isso, acreditamos na sua utilidade à divulgação científica e à formação de novos/as pesquisadores/as. Em face dessas razões, agradecemos aos/às colaboradores/as que construíram conosco este material e os/as quais confiaram na proposta aqui materializada e na qualidade editorial desta revista para divulgarem suas pesquisas.

São Cristóvão, junho de 2019.

